



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA GOELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**

Redacção, Administração, Composição e Impressão:  
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

A França acaba de unir-se ao comovedor apelo das mulheres e mãis de todo o mundo, dirigindo-se aos chefes espirituais do Universo para que se unam num grande movimento em favor da paz. O apelo está assim redigido: «Porque somos mulheres, a nossa força, crendo ou não em Deus, é o amor, que nos dá o privilégio de passar por cima de todas as pragmatias da diplomacia.

«Movidias por uma grande ansiedade, fazemos um fervoroso apelo a todos os chefes religiosos de todas as confissões, ao Papa, bispos, ministros, rabinos, etc. A todos os chefes espirituais de todas as raças, a todos os filósofos e pensadores, a todos aqueles que por terem fê numa crença ou num ideal, sirvam ao espírito. Sabemos tudo o que têm feito estes homens para despertar a opinião pública; apesar de tudo, encontram-se ao pé do abismo.

«O mundo está em perigo. Nós, as mulheres, nunca pudemos entender como podem intimidar as potências internacionais da morte as potências internacionais da vida. Queremos ter confiança no poder dessas potências espirituais, unidas num único impulso, em nome de todas as crianças alegres e livres das preocupações do mundo, em nome das mãis que as vêem crescer com a inquietação nas suas almas, aspiramos a que essas forças espirituais, porque podem e devem fazê-lo, implantem o exemplo da sua união sagrada e lutem sem cessar para se conseguirem de todos os governos responsáveis que as armas caiam de todas as mãos.»

A FIM de comemorar mais um aniversário do falecimento de L. L. Zamenhof, autor da língua internacional auxiliar Esperanto, a Liga dos Esperantistas Ocidentais, com sede na Rua João de Lemos, 3, 1.ª, a Santo Amaro, efectua, de 25 do corrente a 15 de Abril, uma exposição esperantista. Durante a mesma estará a sede da Liga patente ao público, havendo algumas palestras, audições de T. S. F., exposição de jornais no idioma de Zamenhof, revistas, obras literárias, científicas, sociais, etc.

## UMA DESILUSÃO

Os habitantes da parte alta das frêguesias da Ajuda e Belem, tiveram há dias, uma agradável surpresa, mas... foi sol de pouca dura.

Viram vir para êstes lados vários camions carregados de tubos de ferro de 30 centímetros de diametro; supozeram, e muito bem, que eram para condução de água, e como estão ansiosos por que êsse precioso líquido chegue às suas casas, ficaram satisfeitos. Mas em breve reconheceram a ilusão em que estavam.

A água que vai passar através esses largos tubos, que vimos estender pela Rua dos Jerónimos acima, até ao reservatório de Arcolena, que comporta 4.500.000 litros, não é, como devia ser, para os 10.000 habitantes desta parte da cidade, que a não teem, não.

E' para ir, segundo se diz, abastecer a vila e concelho de Oeiras, em obediência a um recente contrato, feito entre a respectiva Camara Municipal e a Companhia das Aguas de Lisboa.

Não está certo. Não devemos negar êsse precioso líquido' indispensável á vida, seja a quem fôr; mas, a vila de Oeiras, está mais bem servida do que nós, quanto a isso. Tem bastantes chafarizes, e um grande reservatório de boa nascente. O que precisa, é uma boa máquina para elevar a água a todas as habitações, como é mister.

E nós, no verão, nem nos chafarizes a temos.

A água da mina da Sacôta, que abastece 5 bicas, distribuidas por 3 chafarizes da frêguesia da Ajuda, está dada como inquinada, imprópria portanto para consumo, segundo rezam as taboetas que as autoridades mantêm afixadas (embora haja quem diga o contrário, e nós somos um dêles).

Além disso, existem os contratos feitos entre a nossa Camara Municipal e a Companhia das Aguas, em que esta se compromete a abastecer a cidade toda, e que já foram bem escarpelizados nas colunas dêste quinzenario, pela brilhante pena do seu ilustre colaborador Ex.<sup>mo</sup> Sr. Coronel Bivar de Sousa.

No contrato firmado em 27 de Abril de 1867, lê-se o seguinte: *Por cidade de Lisboa entende-se a compreendida na actual circunvalação. Se de futuro se alargar essa circunvalação prover-se-á ao abastecimento dos novos tratos que acrescerem, sem dependencia de novo contrato.* Isto nunca se cumpriu. Por outro contrato feito em 29 de Outubro de 1888, a Companhia obrigou-se a construir, entre outros, um reservatorio em Ajuda, para 1.000.000 litros. Se o tivesse feito, ali pelo Largo da Ajuda, cuja cota é de 85 metros, estava servido um grande número de habitantes, desta parte da cidade, mas foi faze-lo, em Arcolena, cuja cota é de 60 metros, e por isso de pouco ou nada nos serviu.

Pelo ultimo contrato, publicado no «Diario do Go-

(Conclui na página 8)

O nosso presado colega «Ecos de Belém» transcreve, no seu último número, parte do artigo publicado no n.º 62 do nosso jornal, sob o titulo «Linha eléctrica Belém-Ajuda» da autoria do nosso colaborador sr. Francisco Duarte Resina, gentileza que muito agradecemos.

ALGUNS moradores do Largo da Paz, protestam, indignados, contra a falta de cobertura do mictorio que ali se encontra instalado. Não podem chegar ás janelas das suas casas sem que estejam sujeitos a observar o que ali se passa. Alguns mariolões primam até, em fazer proposadamente, as mais obscenas exhibições. Classificam aquilo, com muita razão, de indecente. Na realidade, toleramos que a cobertura do referido mictorio tivesse sido retirada para sofrer qualquer reparação; o que não se admite, porém, é que durante esta se não cobrisse provisoriamente, ou vedasse ao público, um recinto que, por sua natureza, necessita das mais rigorosas condições de decencia.

O Governo resolveu adoptar em Portugal, êste ano, a chamada «hora de verão», ou seja a hora normal, avancada de 60 minutos.

UM previdente golpe de vento atirou á rua, na passada quinta-feira, do alto da velha torre da Ajuda, um sino com 1<sup>m</sup>,20 de diametro e 1.362 kilos de peso. Felizmente não houve desastres pessoais.

O Ex.<sup>mo</sup> Director dos Edifícios e Monumentos Nacionais, já tomou as providências necessárias para a imediata reparação dos engates dos restantes sinos que dela necessitem, e que são quasi todos. Essas obras devem principiar na próxima segunda-feira.

Ao contrário do que noticiava a imprensa de hoje, o bocado do sino, que se partiu, com o peso de 26 kilos, não desapareceu. Encontra-se guardado dentro da Torre.

**A Favorita da Ajuda**

DE

**ANTONIO DIAS**

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas  
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros  
Vinhos recebidos directamente de Arruda**LIBANIO DOS SANTOS**VINHOS E SEUS DERIVADOS  
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR  
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

**Portugal, ergue-te e caminha!**

Secção a cargo de MALAIO BULAK

I

**Quem é Malaio Bulak?**

O leitor complacente deseja saber, primeiro que tudo, quem é o maduro, que se propõe massa-lo e se assina *Malaio Bulak*. O pseudónimo é composto de duas palavras timores, sendo uma delas adulterada pela pronúncia europeia. A primeira é *malai* (os portugueses dizem *malaio*) e quer dizer, estrangeiro.

Julgo que este termo tenha derivado do facto de nós, ao chegarmos àquela ilha, tratármos os indigenas por malaio, tendo eles compreendido que os malaio eramos nós. A outra palavra é *bulak* e traduz-se: louco. Os timores tratam todos os individuos, que não pertencem à sua raça, por *malai*. Para eles o estrangeiro que supera todos pela inteligência e pelo valôr, tem o tratamento de *malai mutin*, ou seja, estrangeiro branco. Só os portugueses gosam a dignidade deste tratamento. O inglês é simplesmente *malai inglês*, o chinês, *malai china*, o negro *malai africano* e assim sucessivamente.

Ficam os leitores sabendo que eu sou um português louco! Louco e jovem ainda — permiti-me que vos elucidie vaidosamente!

Nesta secção, que hoje inicio, procurarei falar-vos das minhas preocupações, dos sintomas da minha loucura!

II

**Carlos Bleck na Índia!**

O acontecimento noticia-se em quatro palavras: Bleck chegou à Índia! Além disto, os jornais pouco mais disseram, a não ser larachas. Contudo, o feito do moço aviador é importante, é digno de muita atenção.

Sem apoio algum da sua Pátria, comprou um aviãozinho e olhou misticamente para o Oriente. Recordou, certamente, a era de mil e quinhentos, visitou a Torre de Belém, beijou cheio de fé e respeito as pedras frias e

seculares do Templo Sagrado de Portugal, falou com a sombra magestosa de D. Vasco da Gama, beijou a mão augusta de D. Afonso de Albuquerque e verteu, talvez, lágrimas de saudade e de um Grande Amôr e saiu só! Depois, acercou-se do seu aviãozinho, osculou-o, abraçou-o, acarinhou-o muito e meteu-se dentro dele. Partiu só! No ar, com a cruz de Portugal gravada nas asas do seu aparelho, cortando velozmente as nuvens, recordou, de novo, a outra despedida de há quasi quinhentos anos, na praia do Restêlo! E, novamente, as lágrimas lhe caíram, mas agora, no espaço infinito... Depois... coragem, fé em Deus e um grande amor a Portugal! Obstáculos numerosos, que pareciam insuperáveis, foram vencidos pelo mosquito luzitano. Também Vasco da Gama venceu as temerárias barreiras que o mar lhe opôs! Sempre só, horas, dias intermináveis no ar, corpo pequenino, alma imensa, o triunfo a muitos quilómetros e a morte a alguns segundos...

Seguiu sempre, sem trepidar, invisível no espaço, o gigante português! Acumulam-se as dificuldades burocráticas, chega-lhe a faltar um campo para aterrar, mas ele não esmorece, é bem luzitano! Afasta, decisivamente, o pára-quadras, beija, meigamente, o seu aviãozinho, ergue os olhos a Deus com fé e pensa muito, intensamente, na sua Pátria!

Abre-se um ténue clarão no céu generoso e aterra num campo qualquer! A sorte não abandona Portugal, está com ele e ele fica salvo, mai-l'o seu aviãozinho! Apalpa-o, tateia-o nervosamente e — louvado seja Deus! — o seu aparelho está salvo!

Senta-se na terra mãe, chora de comoção e fala aos campônios simples que o rodeiam, com singeleza, com incontenta alegria!

Só, ainda, segue voando serena e velozmente, até que um dia, chegou a Goa!

III

**Portugal, surge et ambula!**

Tu Portugal, parece que te vais esquecendo da tua grandeza passada! Olvidaste, que descobriste e conquistaste o mundo! Não te recordas das naus que impuzeram o teu cédro glorioso nas quatro partidas, nos confins do mundo? Convencêste-te de que foste definitivamente aniquilado em Alcácer-Kibir? Parece... Não se vê um barco teu nos vastos oceanos, as tuas provincias ultramarinas definham e falas com saudade e acabrunhamento da tua pobreza! Dizes freqüentemente: «Não voo como as outras nações, porque não tenho dinheiro para comprar bons aviões, não sulco os mares porque não posso adquirir caros transatlânticos, nem tenho comércio!...

Desengana-te! E's rico e és grande! Sómente ignoras o teu poderio e a tua riqueza! Acorda, Portugal, e fala das tuas ambições com audácia, refaz a tua fortuna com energia e caminha sempre... Verás, assim, o que realmente és e podes! Não vês que aquê aviãozinho minúsculo, que corta os ares a caminho das Indias, é um sinal, um grito, um divino incitamento, que o Céu te envia?!

IV

**O Portugal-Espanha em football**

Após uma enfiada interminável de desastres desportivos, mais uma vez fomos a Espanha buscar uma derrota vergonhosa! Nove a zero! Estou côrado ao escrever estas linhas. Podia ser de indignação, mas não é! E' pura e simplesmente, de vergonha! Desta minha vergonha não são culpados os pobres jogadores. Só eu sou o culpado e, talvez, um pouquinho, os que consentiram que eles lá fôssem... Sou culpado, porque sou um português como qualquer outro; e o Governo, porque nunca deveria consentir que a inconsciência de alguns, mandasse lá

**Santos & Brandão**

CONSTRUCTORES

Serralharia \*\* Forjas \*\* Caldeiraria  
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

**Farmácia Mendes Gomes**

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 17 horas  
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas  
ALVES PEREIRA — 4<sup>as</sup> feiras ás 9 h.  
FRANCISCO SEIA — Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às segundas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telef. B. 456

## Alberto I, rei popular e educador primoroso

Como muito bem toda a imprensa oportunamente escreveu, está já dito tudo o que sobre a morte do Rei Alberto dos belgas se pode anotar na sempre precipitada factura dos periodicos que, com mais ou menos brilho, realçaram o caracter do infausto soberano.

Penas brilhantes de jornalistas bem cotados, souberam sintetizar com méritos de absoluta justeza o caracter magnanimo de Alberto I, focando-o como uma personagem simples mas valorosa, a quem as naturais fatuosidades palacianas, não obliteraram a excelência do seu espirito, notavelmente superior.

Sendo assim, não será em complemento subsidiário do que há pouco se escreveu que anotamos estas linhas, despidas de pretensão informativa e falhas do estilo conveniente para as desenvolver.

Apenas nos limitaremos a corroborar modestamente o que já se conhece, apresentando porém alguns casos inéditos da sua vida e que demonstram bem visivelmente a nobreza de tão equilibrado caracter, a quem as pompas da realza não influenciaram no animo, nem na rectidão da sua consciência, sempre propensa ao carinhoso patrocínio facultado aos seus subditos, que defendeu e honrou com bravura de soldado valente, absoluta-

mente patriótica, digna e grande como a sua alma simples mas esplendorosa.

A simplicidade\* de caracter do malogrado rei Alberto I, da Belgica, era tão castiça e natural, que a influencia atávica dos seus maiores nêle se desenvolvia de maneira a sempre demonstrar a modéstia do seu agir.

Alberto I cuidou da educação dos seus filhos, ensinando-lhes, como pai judicioso, que o orgulho pessoal é defeito inadmissível.

Há vinte e cinco anos, quando ainda era príncipe herdeiro, concedeu um dia uma *interview* a um jornalista estrangeiro que lhe rogou a gentileza de se deixar fotografar com a sua real família. O jornalista, ou o fotógrafo que o acompanhava, tinha necessidade de uma cadeira para dispor o grupo conforme melhor convinha para o trabalho a executar.

O príncipe de então, em vez de chamar um servidor, voltou-se para o seu filho mais velho (o actual rei Leopoldo III), que nessa época tinha oito anos, e disse-lhe:

— Vai buscar uma cadeira que é precisa.

E vendo o jornalista admirado, que pretendia ajudar a criança que solícita se apressava a cumprir a ordem paterna, acrescentou:

para fóra, amostras da pobreza que vai cá por dentro!

A nossa juventude vive ignorante, raquítica e abandonada! Falta-lhe uma organização nacional que a valorize física e intellectualmente. Falta-lhe um despôrto geral e activo, desenvolvendo-lhe os músculos e a alma. Só duma juventude robusta e moralmente sã, pode sair uma *elite* capaz de nos

representar dignamente no estrangeiro. Fóra disto, tudo quanto se fizer é cavar a nossa ruina e o nosso crédito.

Estará já perdida, por completo, a vergonha nacional?

Ignoraremos o respeito que devemos a nós mesmos, *pelo nosso passado* e, sobretudo, pelo nosso futuro, de que somos responsáveis?

— Deixe-o, Senhor, é preciso que meu filho comece cedo a prestar os seus serviços a quem dêles carece.

Nesta frase que a rigidez protocolar classificaria como imprópria dum futuro soberano, residia, sem duvida, a essencia da mais perfeita educação que um pai, próximo rei, poderia ministrar ao seu presuntivo descendente.

Quando em certa ocasião viajava na Alemanha, antes de ser rei, succedeu que na estação de Postdam o comboio onde embarcara não seguia viagem, apesar do atrazo da partida já ir além de 10 minutos.

O príncipe aborrecido com a demora indagou então a causa do atrazo, perguntando a um funcionário que, impoente na sua farda agaloada, casualmente passava cêrca da sua carruagem:

— E' que esperamos uma grande personagem, o príncipe Alberto da Belgica!

— O príncipe sou eu. Se é só por isso já pode dar o sinal da partida.

E como a empregado, mais desdenhoso que confiado teimasse em que estava sendo troçado, foi preciso, para o convencer da afirmação, que o real viajante lhe mostrasse os documentos que o credenciavam.

Claro que admitida pela evidência a identidade do passageiro, o comboio seguiu logo o seu destino e o príncipe, entre a admiração dos seus companheiros de viagem, sorriu-se modestamente da partida que, involuntariamente, provocara pela única razão da sua modéstia.

E tantos são os casos a realçar o caracter amabilissimo do falecido rei Alberto da Belgica, cheio duma simplicidade tão agradável e atraente que, alguns entrarão no domínio da História ungidos pela aureola dignificadora que eternisa os que foram grandes pelo moral das suas mais insignificantes acções.

Alexandre Seifas.

### TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suo. de Sebastião dos Santos

Carroças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

### José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (F.<sup>o</sup>)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

### ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

### VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade a preços razoaveis

### ABEL DINIZ D'ABREU, L.<sup>DA</sup>



### PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

### Manoel António Rodrigues

COM

### VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

### José António Rebelo de Avelar

### MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais. — Tubos de ferro fundido e laminado. — Ferragens para construção e marcenaria. — Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

# FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda, 213 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Mercadoria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ào menos a título de curiosidade fazei uma visita àqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

## 7.ª Casa de Asilo da Infância Desvalida

Na intenção de dar uma ideia aproximada do que são e valem as instituições existentes no nosso bairro, destinadas a instruir e educar a infância, publicamos, em número anterior, resumida e singular descrição da Escola Maternal da Ajuda, que, a cargo da Santa Casa da Misericórdia, funciona em edificio próximo ao Palácio.

ças de tenra idade encontrassem abrigo enquanto as mães se entregassem ás ocupações diárias, para angariar meios de subsistência, sendo por isso tais casas as precursoras das actuaes creches, e ao mesmo tempo escolas onde essas crianças, pouco a pouco, recebessem as primeiras luzes da instrução, e juntamente lhe fôsem in-

Menino Deus, (actualmente Asilo de S. Tomé), e a que mais dois se seguiram em breve, o da Junqueira e o dos Calafates.

A ideia tinha lançado fundas raízes, e por isso, a morte do iniciador em nada afectou o progresso da benemérita instituição. Outras pessoas generosas se associaram, entre ellas a própria rainha viúva e sua filha D. Maria II, e, assim, em 1835 inaugurava-se o Asilo de Sant'Ana, em 1836 o da Lapa e em 1840 o de Santa Quitéria.

Alguns anos então decorreram sem que a Sociedade pudessem aumentar o número das suas casas, morçé das dificuldades originadas pela agitação política que em 1843 se manifestou no país.

Só mais tarde, já no reinado de D. Pedro V, este rei de saudosa memória, coração aberto a todas as iniciativas benemerentes, querendo também contribuir para o desenvolvimento da instituição modelar, lhe proporcionou os meios de abrir finalmente mais uma casa: O Asilo da Ajuda.

Houve em seguida um período de estacionamento, mas a instituição alcançou simpatias, com o esforço bem orientado das direcções conquistaram-se novos adeptos, e, tendo aumentado o número de benfeitores, em 1872 inaugurou-se o Asilo de Arroios, em 1878 o de S. Vicente, em 1884 o da Esperança, em 1896 o de Santa En-



Um grupo de alunos, com a regente do Asilo e sua professora, Ex.ª Sr.ª D. Balbina Mendes

Cabe hoje a vez de nos referirmos à casa de Asilo da Infância Desvalida, que tem a sua sede no Largo da Ajuda, á esquina da Rua do Guarda Jóias, e que é a 7.ª da série de escolas fundadas pela Sociedade das Casas de Asilo da Infância Desvalida de Lisboa.

Esta Sociedade, que está prestes a contar um século de existência, foi instituída com um duplo fim: facultar ás classes pobres casas onde as crian-

cutidos os principios de ordem, de acieo, de moral e de trabalho, bases essenciaes para a educação de caracteres.

Partiu a iniciativa do imperador D. Pedro IV, pouco depois da sua entrada em Lisboa. Com o auxilio do Duque de Palmela, Conselheiro Trigozo e D. Lourenço de Lima, logo a 8 de Maio de 1844, a título de experiência, foi aberta a primeira casa, com o título de Casa de Asilo do

### Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170  
Telef. B. 329

### Consultas

pelos Ex.ªs Srs. Drs.

**GARRILHO XAVIER**

Partos, doenças das senhoras, Clínica Geral

TODOS OS DIAS ás 15 horas

**MEDINA DE SOUZA**

Clínica de Doenças do Coração e Pulmões, Clínica Geral

TODOS OS DIAS das 17 ás 19 h.

Serviço nocturno ás quartas-feiras



## MERCEARIA CONFIANÇA

# João Alves

DE

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 - LISBOA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

gracia, e, finalmente, em 1897 o dos Olivais.

Em diferentes épocas, após este progressivo desenvolvimento, a Sociedade tem passado por várias fases, algumas de vida bem difficil, vindo-se forçada a reduzir o numero da população nos seus 12 asilos, que em 1910-1911 comportavam 1 520 crianças, assim como a suprimir a alimentação em 1920-1921, que em épocas passadas ainda sobrevia para distribuir por algumas familias necessitadas. Este beneficio, porém, foi em 1930 restabelecido, devido ao auxilio e esforços de alguns benfeitores.

Com o decorrer dos tempos algumas alterações foram introduzidas no modo de funcionamento dos Asilos de Infância Desvalida. De inicio podiam ser admitidas as crianças de ambos os sexos, logo que deixavam a alimentação lactea maternal, conservando-se nas escolas até os 7 anos, onde lhes era ministrada uma instrução apenas elementar. Actualmente, por d liberação de 1926, foi resolvido que só podem ser admitidas crianças do sexo feminino que não tenham menos de 4 anos nem mais de 12; assim como também se modificaram as condições do ensino, que é hoje a instrução primaria em harmonia com o programa official, em virtude do que as crianças, qualquer que seja a sua idade podem frequentar a escola até á realização do respectivo exame.

A soma de beneficios de que as crianças desprotegidas disfrutam, há ainda a acrescentar a distribuição por

todas ellas, de artigos de vestuário, calçado, brinquedos, etc., por ocasião das festas do Natal, bem como a concessão de prémios pecuniários àquellas que, pela sua applicação ao estudo e bom comportamento, anualmente se tornem dignas de ser contempladas. Cada um dos asilos tem uma direc-

Sociedade e para o alargamento da sua acção altamente benemerita.

E cabe aqui citar alguns nomes de dedicados benfeitores, além dos já mencionados, como o de D. Ana de Mascarenhas e Ataíde, a primitiva inspectora, activa e zelosa até o sacrificio; Manuel António Viana Pedra;



Um grupo de alunos, com a sua professora, Ex.ª Sr.ª D. Leonor de Fátima Abreu

ção, que faz parte do Conselho de Direcção da Sociedade, e uma inspectora nomeada pela directora, de acôrdo com o Conselho. A estas entidades superiores compete a fiscalização e o cumprimento de tudo o que está regulamentado para o bom funcionamento das escolas.

Aqui deixamos levemente traçada a história da Sociedade das Casas de Asilo da Infância Desvalida de Lisboa, cuja administração tem sido sempre modelar, revelando a intelligência, o altruismo, a generosidade de todos que, num esforço porfiado e constante, têm contribuído para a melhoria da situação financeira da

José António Nunes, de quem o Asilo da Esperança tomou o nome em 1928; António Sampaio e Pina Brederode, Duque de Palmela, falecido em 1910; e ainda hoje, Frederico Pereira Palha, a cuja boa vontade e verdadeiro amor pelas crianças desprotegidas, a instituição muito deve.

Mas o nosso fim é falar particularmente do Asilo da Ajuda, e vamos fazê-lo, começando por agradecer a gentileza com que a sua digna regente acolheu a nossa visita.

Antiga aluna d'este Asilo, a Ex.ª Sr.ª D. Balbina da Conceição Mendes, teve a extremada amabilidade de nos mostrar todas as dependências da es-

MARIA Tereza encolheu os ombros com indiferença, Albuquerque aproximou-se, fez uma vénia e pediu a Tereza para...

— Impossível! Estou muito molhada e não poderei dançar por enquanto...

Albuquerque, contrariado, tomou um pouco de Tereza e encusou-se de novo, secamente, e o pretendente afastou-se pezoso.

— Diz-me, Helena, quem é aquele que passa com o teu namorado?

— Não o conheço? É um rapaz humilde, completamente desconhecido do nosso meio. É a primeira vez que aqui vem e só o fez depois de muito instado pelo meu namorado, que é omni-símio d'ele. Detesta estas festas e tem

**Nova Padaria Taboense**

DE

**ANTÓNIO LOPES MARQUES**

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz

TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

manifesto desprezo pela nossa classe. Para elle, nem ricos, nem pobres...

Maria Tereza atalhou, com ar de desprezo: — Deve ser muito estúpido!

— Enganas-te. Diz o meu namorado que é dotado duma intelligéncia invulgar. A todos sobrelva no vigor intelectual e não há pensamento que não mais veloz do que o d'ele.

Além disso, a sua vontade é de ferro, absolutamente indomável e, por outro lado, diz-se que elle a todos domina. Conhece o ser humano nos seus mais recônditos mistérios. Persecuta a origem de todos os fenómenos sociais e determina-lhes o sentido, segundo a sua vontade. Domina a multidão mais facilmente: que os melhores exércitos do mundo. A meclade seguiu-o como a um messias.

Maria Helena, com ar trocista: — É fantástico, fosse homem! — É sem dúvida fantástico, extraordinário... Diz o meu namorado, que a sua voz subjugou os mais rebeldes, os mais independentes! Quando sobe á tribuna não se assemelha, em nada, a um actor, d'sses que acorlam e excitam as paixões populares. Olha á turba com dureza e fala com os músculos das faces contraídos. Pronuncia as palavras com o ritmo duma rajada de metralhadora. Castiga a multidão nos seus vícios e nas suas fraquezas, com frases que magoam como golpes de cavallo marinho! Por vezes, é meigo e faz chorar os mais rudes. Promete

ao povo o que de direito lhe pertence o povo eró nêlo, como num messias ou num Deus! As palavras são sempre marteladas no mesmo tom de voz. Soabas excecionais o obrigam a soltar um grito, de longe e longe, ou erguer os braços para ameaçar os maus, abançoar o povo. Tem rugidos de fera em plena solva quando termina os seus discursos, não gosta de ouvir ausos, ou receber felicitações. Desaparece com a mesma expressão carregada, com a mesma ferocidade no olhar. A multidão ama-o, sente-se feliz e segura ao pé d'el! Para as crianças do povo é duma ternura e simplicidade comovedoras e há quem já o tenha visto chorar ao pé dos pequeninos...

Maria Tereza interrogou, com ar disfarçado interesse: — E qual é o seu procedimento para com as milheres?

— Trata-as com mais rudeza do que aos homens. Olha-as com indiferença e ainda não conta que alguma o prendesse... Sei que nos julga sãs inferiores ao homem e pensa que a esposa deve ser humilde e obedecer ao marido. Quando sabe que um homem é dominado pela mulher fica colérico, solta vícios de lar! Condena, igualmente, os homens que no lar são ingratos. Quanto a elle sou que evito, que não receia.

Maria Tereza, gravemente: — Esse homem tem uma mentalidade detestavel, é um monstro!

Helena, com os olhos no namorado que continua passeando, continuou:

— Dizem que sente alegria ao deparar com um casal feliz e amoroso. Ele próprio, já disse ao meu namorado, que sente um grande vazio no coração. Reconhece que necessita de uma mulher, que carcece de carinhos, de alguém que lhe cosa os botões, lhe passe as calças e lhe lave os pés...

Tereza interrompeu, irritada: — Infâmio! Esse homem é um autêntico animal!

Helena: — Sim, um animal dominador, a quem a mulher que elle escolhe não saberá, nem poderá resistir...

Maria Tereza solta uma gargalhada. Sempre rindo: — Pede ao teu namorado que me apresente esse selvagem!

Helena ergue-se, chama por Fernando e explica-lhe o desejo da sua amiga:

— Faz com que não perceba que ella tem interesse em conhecê-lo. Sabes como a Maria Tereza é orgulhosa!

— Esta valsa é tão deliciosa como o vento que agitando as folhagens cria a música da natureza! Creia, Maria Tereza, que jámais senti tão intensamente o prazer de bailar! Desejaria que esta valsa fosse eterna! Consiço, pressa nos meus braços, nunca me cansaria...

Raul Soares falava com precipitação, com entusiasmo; os olhos, ardentes de paixão, devoravam Maria Tereza, semelhavam temeroso incêndio, envolvendo, fatalmente,

a alma da sua preza. Por vezes, beijava-a loucamente, ternamente... com os olhos!

— Serêi, juro-lhe, o último do seus escravos! Adorá-la-hei com humildade, com sincera e perene crença...

— Soeiro: você é um rapaz excêntrico. Vê-me a primeira vez, desconhece-me, portanto, e tem o inerval atrevimento de me declarar amor...

Soeiro, com ternura infinita, um extremo de meiguice, replicou: — Ao ser-lhe apresentado, apenas a vi e ouvi, tive um delicioso pressentimento; tive a tentação de lhe dizer: «Tu és a minha mulher! O destino escolheu-te para minha companheira! Segue-me»...

A orquestra parou de tocar. Os pares ficaram-se estátuas, em muda contemplação.

(Continúa)

**Favorita Ajudense**

DE

**J. J. CAETANO**

Completo sortido de Façoetes, Retroeiros, Recuparia e Gravetaria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINÇAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

cola debaixo da sua proficiente direcção e de nos fornecer os necessários elementos para a breve notícia que nos propuzemos dar a lume.

O edificio, assente no terreno onde em tempos idos existiu o Seminário Patriarcal, de tão honrosas tradições como escola de bons musicos, ocupa uma larga area que, pela sua vastidão, poderia adaptar-se ao dôbro do número de alunos que frequentam a escola, actualmente fixado em 90.

As salas destinadas a aulas são espaçosas e higiénicas, alegres e cheias de luz coada por numerosas e rasgadas janelas; o refeitório, com as suas mêsas e bancadas de pouca altura, a casa dos bibes, onde enfileiram os respectivos cabides, a das lavagens, com um número elevado de bacias metálicas, a cosinha, onde existe ainda o antigo caldeiro para a confecção da sopa, actualmente fornecida pela Misericórdia, a despensa com as suas magnificas tulhas para guarda de cereais, o pátio para recreio dos alunos, o jardim, as dependencias para habitação do pessoal, em tudo se mostra o acertado critério e competência de quem presidiu á construção do edificio, que ainda hoje, apesar dos estragos do tempo, se encontra mantido com esmero, reveladores do zelo e aprimorado gosto de quem tudo dirige e em tudo superintende.

Uma é que essas qualidades da parte de quem exerce tais cargos, não possa a Sociedade recompensá-los devidamente. Ao sabermos que o lugar de regente é nalguns asilos retribuído apenas com 500 escudos mensais, e o de ajudante com 300, e que no da

Ajuda, os ordenados estão ainda longe, muito longe mesmo, de atingir tais importancias, avaliamos quanta dedicação e desinteresse são necessários, de quanta generosidade e amor pelo bem é preciso dispôr, para tomar sobre os ombros aqueles espinhosos encargos por tão parca remuneração.

É que no Asilo da Ajuda, a actual regente, assim como a sua ajudante, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Leonor de Figueiredo Abreu, tendo sido alunas desta mesma escola, parecem movidas ao cumprimento do seu dever profissional por um sentimento profundo de gratidão que as leva a transmitir ás alunas de hoje, devotamente, como missão sagrada, o ensino que ali mesmo lhes foi ministrado na quadra risonha da sua infância.

Um grande mal affige por vezes, os dirigentes d'este Asilo; é o flagelo de que sofre uma grande parte da freguesia da Ajuda — a falta de água, que em tempos de estiagem acarreta embaraços bem dificeis de resolver, quando os dois depósitos de que o Asilo está provido, se encontram completamente esgotados.

A entrada das alunas para as aulas effectua-se ás 9 horas, e a saída ás 16 e meia no inverno e 17 no verão. A's 13 horas é-lhes servida a sopa, que, como dissemos já, vem confeccionada de uma das cosinhas da Misericórdia. A titulo de remuneração por esse beneficio cada uma das alunas contribui mensalmente com a modica quantia de 1 escudo.

O lugar de inspectora neste Asilo é desempenhado pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Amélia Teixeira Bastos, senhora

de preclarissimas virtudes, e o de directora pela Ex.<sup>ma</sup> S.<sup>a</sup> D. Corina Ferreira Fontes, a quem as criancinhas muito devem. Dotada de uma bondade extrema, o seu coração compraz-se na protecção e no carinho que dispensa incessantemente ás pequenas alunas, não se limitando ás obrigações do cargo que graciosamente desempenha, mas excedendo-o de uma forma generosa em dádivas com que auxilia a missão benemerente da Sociedade, e nos beneficios que por iniciativa própria promove em favor das suas protegidas.

Bem haja quem assim espalha o bem e procura com dignificantes exemplos inculcar nas almas juvenis os sentimentos puros com que é preciso adornar as mulheres do futuro.

Está próximo o dia em que será celebrado o centenário da fundação da Sociedade das Casas de Asilo da Infancia Desvalida de Lisboa. Para comemorar a data de 8 de Maio de 1834 está organizada uma comissão composta de antigos alunos e alunas que em tais casas receberam instrucção, e que nos jornais lançaram um apêlo a todos os seus condiscipulos doutro tempo, para que lhe enviem a sua adesão e lhe facultem os meios de promoverem uma festa grandiosa, que, sendo um exemplo de solidariedade, seja ao mesmo tempo um tributo de gratidão para com a obra altruista que na infância os guiou e instruiu.

É nobre o gesto, e estamos convencidos de que encontrará apoio e auxilio. Na freguesia da Ajuda muitos são aqueles que à prestante instituição devem avultados beneficios, que cer-

## OFICINA DE RELOJOARIA E OURIVESARIA

DE

### Albano Machado

Reparações em relógios de todas as marcas e objectos de ouro e prata  
PERFEIÇÃO, RAPIDEZ E ECONOMIA

Calçada da Ajuda, 162 - LISBOA  
TELEFONE BELEM 236

## AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 - LISBOA  
TELEFONE BELEM 367

## CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas  
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

## ANTONIO ALVES DE MATO, S.<sup>a</sup> L.<sup>a</sup>

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE  
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

## Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

## RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117      Calçada da Ajuda, 212 a 216  
R. da Junqueira, 293-B a 293-D      Calçada da Ajuda, 154 a 156  
Calçada da Tapada, 47 a 53      Largo 20 de Abril (Calvário), 1

## Instalações electricas a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS  
ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.<sup>as</sup> Reunidas Gaz e Electricidade  
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552  
onde serão atendidos com a máxima urgência



**A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.<sup>DA</sup>**

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros á antiga, amador e escrituração comercial Copiadores, caixas e pastas para arquivo Arman-se pastas de fantasia e bordadas Envernizam-se mapas

**T. de Paulo Martins, 18**

**AJUDA — LISBOA**

TELEFONE BELEM 517

**DROGARIA SANTOS**

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende

**Drogas, produtos químicos, tintas de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias**

**142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA**

TELEFONE BELÉM 220

tamente não esqueceram, e por isso se apressarão a colaborar na manifestação em projecto. Todos, pobres ou ricos, têm o dever de contribuir na medida das suas forças para tão simpática festa.

No Asilo da Ajuda tivemos ocasião de ver os fatos novos, já inteiramente confeccionados, e que no dia do centenário serão distribuídos a todas as alunas.

E terminando, à Sociedade das Casas de Asilo da Infância Desvalida enviamos a nossa calorosa saudação. A instituição que em tão longo periodo de tempo, a lutar com vicissitudes de vária espécie, consegue com incomparável denodo difundir a instrução, educando nas suas modelares 12 casas, milhões de crianças desprotegidas da fortuna, pode dizer-se que é das maiores e mais prestantes instituições de beneficência de que o nosso país se pode ufanar.

O *Comércio da Ajuda* faz votos por que o dia 8 de Maio seja o primeiro duma nova era de prosperidade e grandeza para a Sociedade, a fim de que ela possa alargar o âmbito da sua obra salutar, tão preciosa nêstes tempos em que muito se fala em instrução mas em que tantos cérebros pequeninos permanecem ainda nas sombras da ignorância, mercê das dificuldades que avassalam infelizmente um grande número de lares miseráveis, em alguns dos quais se procura suprir a escassez de pão com o trabalho das crianças, assim afastadas da escola e entregues precocemente a um labor que as estiola e definha.

*Alfredo Gameiro.*

## JOGO DE DAMAS

Uma comissão de sócios do Club de Football «Os Belenenses» entrevistou a respectiva Direcção, dando-lhe a sugestão de criar uma equipe de jogadores de DAMAS, que foi aceite. Há já bastantes elementos e alguns de valor para a formação do grupo, pelo que a comissão convida todos os associados que se interessarem por este jogo e queiram representar o Club a apresentarem-se na sede em Belem, onde se encontra a inscrição aberta até ao fim do corrente mês.

# LISBOA-MADRID

## IMPRESSÕES DE VIAGEM

Afim de assistir ao jôgo da eliminatoria ibérica do Campeonato do Mundo de Football, deslocou-se no dia 9 a Madrid um comboio rápido especial, repleto de entusiastas do jôgo que apaixonam as multidões.

Pelas 6 da manhã, foz-se o comboio ao caminho para a longa viagem que íamos empreender. Noite fechada, lá seguimos, travando-se os primeiros dois dedos de conversa, a qual tinha invariavelmente por tema a constituição do grupo nacional que se ia bater a terras de Espanha. O comboio aumenta sucessivo a velocidade. Passamos velozmente Alverca e Vila Franca, onde começam a ver-se mais distintamente as árvores e o casario — que a manhã rompia brandamente. Sentados no nosso lugar, observávamos entretidos a paisagem que á nossa vista se desenrolava como um filme. Veem-se rebrilhando as águas paradas das salinas, reflectindo as formas contorcidas dos salgueiros que orlam as margens. Temos o Tejo á direita, que nos acompanha sem cessar. Já nos ficou para traz o Setil. Junto á ponte de Santarem, onde o Tejo se espraia com desafogo, os pescadores lançam as rêdes, as bateiras ancoradas perto, num quadro pitoresco e gracioso.

Temos a primeira paragem em Santarém, depois de uma hora e cinco minutos de viagem. Seguimos novamente, a máquina, arfante, galgando velozmente a distância. Chegamos ao Entroncamento á hora em que os operários entram de turno nas vastas oficinas. Vêem-se, paradas, enormes locomotivas. Agulhas, vagon, carvão, negro de fumo...

Seguimos novamente. A's janelas, os excursionistas gozam deliciados o panorama que se avista, tendo por principal motivo o Tejo, sereno e gracioso, que sempre nos acompanha. Tancos. Succede-se frondosa arborização que empresta á paisagem soberbo aspecto. Admiram-se a cada momento

imprevistos detalhes, que se nos fixam na retina. O Tejo, reflectindo nas águas mansas o verde frondoso da vegetação, torna o local delicioso, aprazível. Súbito, como por encanto, como se brotasse das águas pela magia duma fada, surge, nobre e altivo, o Castelo de Almouroul — pequenino e lindo. Efeito soberbo. Espectáculo inédito, encantador, maravilhoso. Como uma pedra encastoada em anel de valor, emerge das águas a pequena ilha, nas íngremes escarpas assentes as muralhas vetustas do altaneiro castelo. Minúsculo, mas nobre e senhoril, altivo como um rei. Espectáculo único, como poucas vezes se nos é dado apreciar. Apetecia-nos possuir o dom para fixar na tela a impressão produzida por aquele quadro encantador. Castelo de Almouroul! Visto por uma manhã argentea, dir-se-ia a fantazia irreal e esfumada dum sonho!

Chegamos a Praia do Ribatejo, onde temos pequena paragem. Há uma extensa ponte que o comboio atravessa, um areal enorme, produto das invasões do Tejo, que fica agora pela nossa esquerda. Breve o perdemos de vista — para voltar de novo a vê-lo em Constância. Passamos por Abrantes. A paisagem é agora menos variada.

Atacamos com denodo o basto farnel, regado por uma monumental garrafa de palheto, que em Lisboa não esquecera de meter providentemente na maleta de viagem. Chegamos a Ponte de Sôr, com a sua ribeira correndo por vale estreito e tortuoso, a água escura saltando entre pedras e calhaus.

Paramos em Tôrre das Vargens onde o pessoal do comboio passa uma vistoria aos eixos e travões. Apeamos-nos para desentorpecer as pernas — que a manhã se quedava fria, embora linda.

(Continúa)

*Afonso Aço.*

**LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>**

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 — Telefone B. 427

**LISBOA**

**Géneros alimentícios de primeira qualidade**

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

**Amândio C. Mascarenhas**

**SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA  
SOLDADURA AUTOGENIA**

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

**R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. B. 496**

## ≡ SALÃO ≡ TELEF. B. 124

# PORTUGAL

Travessa da Memória — Ajuda

**DOMINGO, 18** — As maravilhosas super-produções

## KING-KONG

Vingança de Águias — Charlot Patinador

Às 3 horas da tarde — GRANDIOSA MATINÉE  
com o mesmo programa

Em vista de os filmes serem sonoros, os espectadores tomarão conhecimento do resultado do desafio de football Portugal-Espanha, de meia em meia hora

Segunda-feira, 19 — O Milagre de Lourdes e Não quero saber quem és.

Quarta-feira, 21 — Uma estreia sensacional.

Dias 23 a 25 — O TUNEL, super-produção de grande classe, e colossal sucesso do São Luiz Cine

Dias 26 e 27 — A Grande Muralha e Um Heree do México.

Dias 29 e 30 — A VIDA DE CRISTO.

Dias 31 e 1 — O Rei do Espaço e O diabo seja surdo.

## TELEF. B. 99 ≡ CINEMA ≡

# PALATINO

R. Filinto Elísio (Alto de Santo Amaro)

**Domingo, 18:** A grandiosa super-produção

## KING-KONG

e outros excelentes filmes de sucesso

**Dia 19:** O TEU AMOR E UMA CABANA e A MILICIA DA PAZ.

**Dias 23 a 25:** O TUNEL.

**Dia 26:** AS DUAS ORFÃS.

**Dias 29 e 30:** A VIDA DE CRISTO.

**Dias 31 e 1:** NOS CONFINS DO MUNDO e O TERROR DOS BANDIDOS.

**A SEGUIR:** Eu sou um evadido, A vida privada de Henrique VIII, Toureiro à força, O Tigre dos Mares, Catarina da Rússia, etc., etc.

## DESSPORTOS

### O X Portugal-Espanha

A estrondosa derrota do campo de Chamartin foi dolorosa de mais para que a deixemos passar sem que empreendamos os nossos esforços para uma salutar reacção.

Os nossos jogadores, foram batidos copiosamente e por uma forma que não deixa a ninguém dúvidas sobre a evidentíssima superioridade manifestada no decorrer do jogo pelos jogadores espanhóis. Fomos batidos em todos os capítulos e em todos os importantes do jogo: — na virtuosidade individual, no jogo de conjunto, no poder atlético e, sobretudo, no moral da equipa.

É evidente a superioridade e o poder realizador do «onze» espanhol, mas é inegável que, apesar da fragilidade da nossa selecção, o marcador não atingiria o ponto a que chegou, se tivéssemos nas réds um homem á altura da situação: — porque não é de admitir que, em pouco mais de doze remates que os espanhóis fizeram, os nossos guarda-rédes consentissem nove «goals», que tantos entraram. Com um guarda-rédes do classe, defendendo normalmente, não era possível a «quebra» que acabou de desmoralisar o nosso «team». Depois, as substituições, ordenadas desastrosamente, acabaram por esfrangalhar um «team» que daí em diante não mais existiu.

A tentativa de formar o grupo nacional sobre a estrutura do F. C.

Porto, ruiu estrondosamente. Importa a remodelação do «onze» no próximo domingo — e poderemos esperar que esse jogo seja a reabilitação do passado dia 11.

Abordaremos mais de espaço as considerações que o assunto nos sugere.

Por agora limitamo-nos, apesar de tudo, a dizer que confiamos num resultado honroso para as cores nacionais.

Porque é preciso reconhecer que o resultado de 9-0 não se pode ajustar ao valor normal das duas equipas. Se os espanhóis foram superiores a si mesmos, nós fomos inferiores a nós próprios — e é preciso deixarmos de encarar o Portugal-Espanha como «o jogo que nunca vencemos» para o vêrmos como «o jogo que vamos vencer».

Af. Aço.

### Para os Pobres

Continuação da lista de nomes dos pobres, a quem foi distribuída a importância do saldo da festa efectuada pelo nosso jornal, na sede do Belem-Club:

Transporte, 250\$00. — Anastacio dos Santos, T. Nova de D. Vasco, 11; Maria José Gomes, Rua do Meio, 21; Benvinda Milheiros, T. Victorino de Freitas, 24; Maria da Piedade Henriques, T. Victorino de Freitas, 30; Rita de Jesus, Freire, T. da Madresilva, 1, loja; António Côxo, Rua da Paz; Adelina Adrião, Est. do Penedo, Casal do Doutor; Julia Maria d'Almeida, Vila Tagana, 51; Gertrudes Maria, T. da Boa-Hora, 7, 1.º; Maria Luiza, R. do Machado, 42, 1.º; Maria Leonor, Rua de D. Vasco, 12, 1.º. — A transportar, 360\$00. — *Continúa.*

Este número foi visado  
pela Comissão de Censura

## UMA DESILUSÃO

(Continuado da 1. página)

verno» de 31 de Dezembro de 1932, comprometia-se a Companhia a abastecer toda a cidade, até ao fim do ano de 1936; não o fazendo antes por não ter água suficiente.

Mas agora, por que já conseguiu a captação de mais água, devido aos melhoramentos feitos á custa do aumento de preço, impôsto á população de Lisboa, vá de negociá-la para fóra da cidade. Não está certo, repetimos. É um verdadeiro crime de lesa-humanidade. E não há uma voz que se faça ouvir! Que tristeza isto nos causa!

Dizem-nos agora que se ligassem as canalizações da Rua do Cruzeiro e Calçada da Ajuda, e mantivessem o reservatorio de Arcolena em carga permanente, poderia fornecer água até ao Largo da Ajuda. Isso não é suficiente. O necessario é fazer um reservatorio no alto da Serra de Monsanto, para abastecer esta parte da cidade, que não tem agua, como fizeram os dirigentes do forte de Monsanto e do Pôsto Rádio, para abastecimento da sua população; Isso já era alguma coisa, já favorecia muitos milhares de habitantes.

Porque não fazem então, ao menos isso? Porque a Companhia das Aguas não quer. E não haverá alguém que a tal a obrigue?

Ajuda, 15-3-934.

Francisco Duarte Resina.